



UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES: FEMININISMO X CULTURA PATRIARCAL

Sidileide Batalha do Rêgo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Sidileidebatalha@hotmail.com

RESUMO: Objetivamos com esse trabalho analisar os aspectos da manifestação da tradição patriarcal no livro *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1998) da escritora Clarice Lispector. Segundo Simone de Beauvoir (1967), a identidade feminina é construída a partir do que a sociedade espera do caráter de uma mulher. No livro *Uma aprendizagem ou O livro dos Prazeres* (1998), o discurso moralista constitui campo de força, pois, suscita reflexões sobre: o conflito entre o social e o individual. Nesta perspectiva, obedecendo essa linha de reflexão, faremos uma leitura das obras referidas à luz dos estudos realizados por Zolin (2003), Beauvoir (1967), Woolf (1990) entre outros estudiosos que refletem a respeito do feminismo. De maneira geral, verifica-se na escrita de Clarice Lispector uma poética marcada por relatos que revelam a formação da identidade da mulher de acordo com o moldar masculino. Por fim, observa-se que a escritora utiliza o intermédio da epifania para que a personagem avance ou recue em seu processo de aprendizagem, enquanto tem o homem como mentor desse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Clarice Lispector, Patriarcado.



INTRODUÇÃO:

A figura da mulher sempre teve importância na construção da história da humanidade, porém, na maioria das vezes o seu papel restringia-se a secundário. As mulheres foram sujeitas, muitas vezes, a participar da história de modo passivo; presas dentro da hierarquia familiar privada. Dessa forma, por muitos anos o papel da mulher dentro da sociedade foi ditado pelo modelo patriarcal que sempre serviu de critério para a construção familiar. Mesmo assim, apesar da opressão o sexo feminino lutou para fazer parte e participar ativamente da vida pública social, tomando decisões e derrubando paradigmas e ideologias machistas.

A literatura, assim como a história possui plena condição de expor e representar os problemas do mundo. Ficção e história caminham unidas, são permeáveis. Assim, a obra de Clarice Lispector pode ser vista como um romance sobre o conceito de formação feminina a partir da orientação masculina. A personagem feminina durante o seu desenvolvimento vivencia conflitos internos e externos ligados à família, à sociedade e ao casamento. Assim, Lóri reflete a história de outras mulheres

passivas diante da figura masculina e da entrega afeto-sexual.

Nesta perspectiva, obedecendo essa linha de reflexão, faremos uma leitura das obras referidas à luz dos estudos realizados por Zolin (2003), Beauvoir (1967), Woolf (1990) entre outros estudiosos que refletem a respeito do feminismo. De maneira geral, verifica-se na escrita de Clarice Lispector, uma poética marcada por relatos que revelam a formação da mulher de acordo com o moldar masculino. Por fim, observa-se que Clarice Lispector utiliza o intermédio da epifania para que a personagem avance ou recue em seu processo de aprendizagem, enquanto tem o homem como o mentor desse processo.

UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

Trancadas no âmbito doméstico e submetidas ao silêncio privado as mulheres não tinham voz na história que era construída pelo homem. Visto que, o espaço da casa era destinado à mulher enquanto o espaço público era destinado ao homem. Dessa forma, caracterizado como o sexo frágil, a mulher vivia em um universo totalmente regido pelo sexo forte,



onde suas obrigações se restringiam a cuidar do lar e a procriação.

O regime patriarcal é caracterizado pela relação de mando e obediência. Assim, a organização familiar girava em torno do homem, pois, a ele era destinado à força e a intelectualidade, enquanto a mulher era destinada a imagem de boa mãe e esposa virtuosa, angelical. Nesse sentido, o principal ponto evidente no regime patriarcal é a edificação da diferença entre o sexo tido como dominante e o frágil, portanto, o homem desempenha o papel do patriarca vinculado ao sistema opressor na construção da identidade feminina.

No romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998), encontramos no personagem masculino características típicas de um patriarca: intelectual, tendo em vista que ele é professor universitário de filosofia, arrogante, orgulhoso e prepotente. Enquanto a personagem feminina é descrita como sensível, delicada e em alguns momentos como angelical. A narrativa apresenta diálogos cheios de instrução, principalmente a fala de Ulisses que em alguns momentos chega a ser bem didática. A temática do aprender é notória desde o título da obra *Uma aprendizagem*. Essa aprendizagem refere-se ao autoconhecimento, temática esta abordada em diversas obras da autora Clarice Lispector. Dessa forma, o perfil da

personagem feminina é construído com uma grande carga de peculiaridades filosóficas-existências, Lóri busca enquadrar-se na aprendizagem imposta por Ulisses para que possa ser mulher dele por inteira, tanto corpo quanto alma. A partir disso, os dois mantêm encontros, todos castos, como estabelece Ulisses. É durante esses encontros que Lóri recebe por meio do diálogo instruções de como se comportar diante da sociedade e fora dela.

No tocante a discussão relacionada ao feminino, Virginia Woolf (1990) em seu ensaio *Um teto todo seu* ao discutir sobre o tema “As mulheres e a ficção” afirma que foi com muita dificuldade que a mulher começou a ganhar espaço na literatura, pois, no século XIX a submissão da mulher diante da sociedade ainda se dava em meio a simples detalhes, como o fato de não poderem frequentar bibliotecas por se tratar de um espaço destinado exclusivamente ao homem. As mulheres não possuíam reconhecimento, permaneciam sempre a margem da sociedade, recebiam pouca educação intelectual porque acreditava-se que por sua natureza sensível tinham nascido exclusivamente para cuidar do lar, dos filhos e do marido, o patriarca. Dessa forma, era quase impossível criar uma obra com grande porte intelectual já que não possuíam suporte para terem experiências



de vida, para conhecerem as mazelas do mundo. Para a autora, esse contato com o mundo é importante para que a obra se torne flexível o bastante para a dramatização de um número admirável de sutilezas que encontramos diariamente no mundo real e que ainda não foram expressos.

Assim, de nada adiantaria a mulher buscar ajuda nas obras de grandes escritores masculinos, pois, “o peso, o ritmo, o progresso da mente do homem, divergem demais dos seus para que ela possa com êxito extrair dele qualquer coisa de substancial” (WOOLF, 1990, p. 90). Nessa perspectiva, a capacidade intelectual da mulher não possuía credibilidade. A experiência feminina, tanto no espaço cultural quanto no literário era vista sem importância. A falta de experiência no campo social impedia a mulher de desenvolver obras com grande carga de experiência de vida. Dessa maneira, a produção literária de boa qualidade ficava sujeita ao homem que tinha melhores acessos tanto a educação quanto ao mundo.

Contudo, a submissão feminina imposta pelo patriarcalismo pendurou socialmente durante muito tempo. A respeito disso Zolin (2003) apresenta a teoria de Kate Millet descrita em sua tese de doutorado *Sexual Politic* para salientar que a opressão da mulher a partir do

patriarcalismo traz a tona também “discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas secundárias” (ZOLIN, 2013, p. 169). Nesse âmbito, a posição secundária ocupada pela mulher tanto na sociedade quanto nos romances de escrita masculina gira em torno de um sistema de papéis sexuais estereotipados. Essa estereotipação de papéis naturais edifica a submissão feminina. De acordo com as regras sociais, as mulheres devem ser dóceis, amáveis, delicadas e principalmente obedientes. Enquanto o homem é ardiloso, competitivo, inteligente, forte e mandam. Culturalmente esses são os papéis pré-estabelecidos para ambos os sexos. A necessidade de representar esses papéis dentro do âmbito de uma relação entre homem e mulher, caracterizado pela dominação do homem e pela subordinação da mulher é o que Kate Millet define como “Política Sexual”.

Durante o século XX grandes escritoras começaram a ganhar destaque em meio à literatura com suas obras que abordavam o mundo feminino em vários aspectos. No cenário brasileiro, destacamos a escritora Clarice Lispector com sua escrita feminina e de fluxo de consciência. Seu romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*



(1998) relata o envolvimento amoroso entre dois indivíduos - Loreley (Lóri), a heroína, apaixonada por Ulisses, e durante a relação ela vai aprendendo a adequar-se conforme os desejos dele. Nesse aspecto, de acordo com a tradição patriarcal, é o homem quem orienta a sua companheira para que ela assuma o papel de esposa e mãe.

Durante a narrativa, como já foi exposto, Lóri passa por processos de mudança, essas mudanças são orientadas pelo homem que ela ama. Lóri deseja que Ulisses seja o seu último amante, por isso aceita as condições impostas por ele para que a relação tenha êxito. Assim, o amadurecimento da protagonista segue a linha de pensamento e de desejo do homem.

Lóri é uma moça de família rica que morava com a família no interior, na cidade de Campos. Com a morte da mãe, a família se desestabiliza e o pai perde metade da fortuna. Em meio às penitências, Lóri decide mudar-se para o Rio de Janeiro e morar sozinha, onde poderia ter um estilo de vida que não seria aceitável em uma cidade pequena: “É que eu não queria me casar... não queria me casar, queria certo tipo de liberdade que lá não seria possível sem escândalo, a começar pela minha família” (LISPECTOR, 1998, p. 25). Assim, ao

explicar a Ulisses a causa da sua vinda para o Rio de Janeiro, Lóri exemplifica que sua família é conservadora, uma vez que, vivia cercada pela imagem patriarcal representada pelo pai e pelos quatro irmãos. Sendo a única mulher da casa após a morte da mãe, ela tem seu destino de mulher traçado pela sociedade que espera que ela cuide dos cinco homens de sua família, enquanto aguarda a chegada de um bom marido.

Ao chegar ao Rio de Janeiro Lóri consegue um emprego como professora do primário, profissão esta culturalmente destinada à mulher. Em certa noite ao esperar um táxi, ela conhece Ulisses, um professor de filosofia que lhe oferece carona. A partir desse encontro, atraídos um pelo outro começam a viver um romance cheio de encontros castos, pois Ulisses deseja que ela passe por uma aprendizagem para que finalmente possa acontecer a entrega afeto-sexual: “Parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você (...). Mas a quero inteira, com a alma também” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Dessa forma, durante os encontros com Ulisses, Lóri estrutura um aprender a ser mulher de acordo com o desejo dele. Ao passo que se segue a aprendizagem, tudo a convida para entregar-se aos braços do príncipe encantado, onde ela encontrará



a plena felicidade. De acordo com Beauvoir (1967, p. 33):

A mulher é a bela adormecida no bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos vê-se o jovem partir venturosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela acha-se encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera. Um dia meu príncipe virá... Some day he'll come along, the man I love... Os refrões populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança.

Sendo assim, a recompensa da mocinha é conquistar um coração masculino e é isso que Lori almeja. Ela deseja conquistar o amor de Ulisses, para isso comporta-se como ele deseja. Ela assume o papel de mulher passiva e não se opõe aos mandos do homem, pois espera a proteção dele. Socialmente, a tradição do padrão de comportamento patriarcal estipulava que a mulher deveria deixar a casa do pai, o patriarca do lar, apenas para viver com um marido, aceitando o papel de esposa e mãe e recebendo em troca

proteção parecida com a paterna. Apesar de Lori não se enquadrar no modelo tradicional porque vive sozinha em um apartamento no Rio de Janeiro, tendo vínculo com o pai apenas financeiro, pois, por ser a única filha mulher e por receber um baixo salário como professora; ganha regulamente uma mesada do pai para ajudar nas despesas: “ela mudara-se sozinha de Campos para o Rio, comprara o pequeno apartamento onde vivia, sustentada regamente pela mesada do pai. Com quatro irmãos homens, e ela filha única, o pai lhe mandava o que ela quisesse” (LISPECTOR, 1998, p. 49). Assim sendo, mesmo não se enquadrando ao modelo tradicional Lóri deseja a proteção de Ulisses, pois, antes quando não o conhecia e era sozinha sabia de certa forma se comportar no mundo, não sentia angústia e não possuía questionamentos sobre sua identidade e sobre a vida. Sendo assim, é como se Ulisses possuísse uma resposta para tudo e ela necessitava dessa ajuda para saber quem é ela, quem são as pessoas:

Quem sou eu? Quem é Ulisses? Quem são as pessoas? ”Era como se Ulisses tivesse uma resposta para tudo isso (...) e agora a angústia vinha porque de novo descobria que precisava de Ulisses, o que a desesperava



— queria poder continuar a vê-lo, mas sem precisar tão violentamente dele. Se fosse uma pessoa inteiramente só, como era antes, saberia como sentir e agir dentro de um sistema. Mas Ulisses, entrando cada vez mais plenamente em sua vida, ela, ao se sentir protegida por ele, passara a ter receio de perder a proteção (LISPECTOR, 1998, p. 10).

Portanto, antes de conhecer Ulisses Lóri sentia-se um ser inteiro, mas Ulisses ao entrar em sua vida desestabilizou o seu ser, agora ela se sente incompleta, pois, julga que ele é a sua outra metade, por isso necessita dele com urgência para voltar a se sentir inteira novamente. Percebemos também que durante toda a narrativa o comportamento de Lori é instruído por Ulisses, até a maneira de se nomear: “Ele disse uma vez que queria que ela, ao lhe perguntarem seu nome, não respondesse “Lori” mas que pudesse responder “meu nome é eu” (LISPECTOR, 1998, p. 11-12). Dessa forma, os discursos moralistas de Ulisses guiam Lori no decorrer da narrativa, o que faz com que a personagem feminina passe por momentos de angústia e repreensão. Entre os ensinamentos de Ulisses está a instrução aos afazeres domésticos:

Fora a cozinha para arrumar as compras e dispor na fruteira as maçãs que eram a sua melhor comida, embora não soubesse enfeitar uma fruteira, mas Ulisses acenara-lhe com a possibilidade futura de por exemplo embelezar uma fruteira” (LISPECTOR, 1998, p. 6).

Segundo Beauvoir (1967) colocar a mulher em contato com as tarefas domésticas é despertar nela uma intimidade do ser que a enriquece. Para encontrar um lar em si é preciso antes ter-se realizado em obras, sendo através do trabalho doméstico que a mulher se apropria do seu ninho. Dessa forma, ao incentivar os afazeres domésticos Ulisses a está preparando para assumir o papel de boa esposa e dona de casa, para que possa futuramente trazer ao mundo os seus herdeiros: “- Se você chegar a ser minha, do modo como quero, gostaria de ter um filho seu” (LISPECTOR, 1998, p. 53). Nessa perspectiva, Ulisses deseja que Lóri seja a mãe dos seus filhos, mas para isso ela tem que aprender primeiro o que ele deseja lhe ensinar, viver uma vida resignada.

Lóri também aprenderá com o incentivo de Ulisses a se arrumar melhor, perfumava-se e se pintava para tornar-se



mais bonita e atraente conforme os gostos dele: “Você é de algum modo bonita. Gosto de teu rosto suado sem pintura embora também goste do modo exagerado como você se pinta” (LISPECTOR, 1998, p. 52). Ao lado de Ulisses Lóri se comportava da maneira que ele gostava e a instruía, além de frequentar apenas os lugares escolhidos por ele. Assim, quando em uma ocasião, ele a convidou para ir à piscina de um clube que frequentava; Lóri apesar de não gostar da ideia porque não se sentia a vontade expondo o seu corpo ao usar um maiô aceitou o convite ocasionado pelo medo de perder o homem que ama: “Não era na piscina que ela queria vê-lo, mas o medo de perdê-lo fez com que ela aquiescesse, embora temendo o momento de se verem quase nus” (LISPECTOR, 1998, p. 35). Nesse caso, as sugestões de Lóri para os encontros entre os dois eram menosprezados por Ulisses que com um ar de deboche recusava os convites dela enquanto afirmava que estava certo que ela não conseguia compreender o que ele desejava dela:

- Você quer ir ao posto 6? Perguntou Lóri, às vezes a essa hora os pescadores estão colhendo peixes. Ele perscrutou-a um longo instante que ela não entendeu, e de repente com um suspiro e um sorriso

disse: - Não, estou certo de que você não sabe. (LISPECTOR, 1998, p. 53).

Segundo Schneider (2000), a mulher sente pressões tanto culturais quanto sociais que a obrigam a se adaptar a um papel feminino seguro e adequado ao olhar do outro. Dessa forma, Lóri aceita e explora os caminhos sociais e culturais propostos por Ulisses para que sua feminilidade se assente ao destino de mulher regozijado pelas ambições patriarcais. Quando Lóri adentra na aprendizagem de tornar-se um ser individual, uma mulher totalizante, ela passa por uma tensão existencial que a perturba profundamente. Pensa, em determinados momentos, a nunca mais voltar a encontrar Ulisses, mas percebe que precisa dele para ajudá-la a se “descobrir”:

Em súbita revolta ela não quis aprender o que ele pacientemente parecia querer ensinar e ela mesma aprender – revoltava-se, sobretudo porque aquela não era época de ‘meditação’ que de súbito parecia ridícula: estava vibrando em puro desejo como lhe acontecia antes e depois da menstruação



(LISPECTOR, 1988,
p. 15-16).

Assim, em determinados momentos Lóri se revolta, pois, ela sente desejo de ser amada e não de aprender a ser um ser. Mesmo assim, ela não consegue se desligar completamente de Ulisses e aguarda ansiosamente o momento em que os dois finalmente ficarão juntos, momento este que será decidido por Ulisses. Dessa forma, na narrativa o ideal romântico de felicidade em um relacionamento a dois é abordado pelo lado patriarcal. Dessa maneira, Lóri passa de moça frívola a casadoura, há um atento olhar de Ulisses que está guiando-a no caminho dessa aprendizagem. Ao aceitar seguir essa aprendizagem Lóri aceita, também, viver dentro de um modelo patriarcal, pois, a proposta de casamento feita por Ulisses no final da narrativa vai levar Lóri a tornar-se uma dona de casa provedora do lar enquanto tem um marido que trabalha fora e sustenta toda a família.

Portanto, no fim da narrativa, a proposta de casamento feita por Ulisses após se amarem quatro vezes, surge como a solução para todos os impasses femininos vivenciados pela personagem ao longo da narrativa. É interessante observar durante o romance como a narradora vai mostrando a maestria com que Lóri avança na aprendizagem; ao ter contato com a

natureza, a lua que é tida como a regedora do ser feminino, as flores delicadas como a mulher e a água do mar. O final feliz foge ao paradigma tradicional dos romances, pois, o diálogo que encerra a narrativa dá um tom de continuidade na obra: “Eu penso, interrompeu o homem e sua voz estava lenta e abafada porque ele estava sofrendo de vida e de amor, eu penso o seguinte:” (LISPECTOR, 1998, p. 174). Assim, o final da narrativa demonstra que Ulisses foi bem sucedido no ensinar porque conseguiu o que finalmente desejava, ter Lóri por inteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que durante toda a narrativa de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1998), a protagonista Lóri vai sofrendo mudanças consecutivas tanto emocionais quanto de comportamento. Mudanças estas amparadas por um mentor masculino. Dessa forma, Lóri encontra-se no limiar entre o papel feminino escolhido por ela mesma e o delimitado pela sociedade patriarcal.

Mediante isso, a narrativa aborda a relação homem-mulher onde a mulher possui uma conduta de fragilidade e necessita da proteção do homem. Observamos também que o narrador crítica



o lugar ocupado pela mulher na sociedade e sua representação. É na relação de Lóri com Ulisses que podemos perceber a entrega da mulher aos desejos masculinos; a personagem feminina vivencia momentos de ansiedade e angústia, mas também de desejo e alegria. O feminino apresentado por Clarice Lispector em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1998) busca a todo tempo se enquadrar a proposta masculina. A submissão de Lóri conduzida pelo discurso patriarcal é notória durante a narrativa, percebemos que a personagem passa do papel de mulher moderna, libidinosa: mora sozinha, trabalha fora de casa, se envolve sexualmente sem repreensão pessoal, para o papel de mulher angelical: mantendo-se a disposição do masculino, sem amantes, projetando um futuro amoroso onde será boa esposa e mãe. Sendo assim, Lóri reflete a história de outras mulheres passivas diante da figura masculina e da entrega afeto-sexual.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** A experiência vivida. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.

Disponível em:
<http://brasil.indymedia.org.br> Acesso em:
20/04/2015

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michael & NEIS, Ignacio Antonio. **As armas do texto:** a literatura e a resistência da literatura. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 119 – 139.

WOLFF, Virginia. **Um teto todo seu.** Circulo do Livro. S.A Editora Nova Fronteira. São Paulo, 1990. Disponível em:
<http://www.fe.unb.br> Acesso em:
21/04/2015

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª edição (revista e ampliada). Maringá: Eduem, 2009, p. 217 – 242.